

baía dos suspiros
trilogia os guardiões – livro dois
nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

Para os meus netos, minha magia e meus milagres

*O meu coração é como uma ave canora
Que tem o ninho num galho viçoso;
O meu coração é como uma macieira
Que tem os ramos arqueados de tanto fruto.*

— CHRISTINA ROSSETTI

A sorte protege os audazes.

— TERENCE

Prólogo



A história foi contada, geração após geração, em canto e em prosa, até o tempo a transformar em mito e em lenda. Mas alguns acreditavam na sua veracidade, pois as lendas traziam conforto.

E outros sabiam que era verdadeira.

A história de que outrora, num reino tão velho como o mar, três deusas haviam criado três estrelas para honrar e celebrar uma nova rainha. Uma estrela de fogo, uma de água e uma de gelo, devendo brilhar sobre todos os mundos, haviam sido forjadas e iluminadas com desejos para um coração, uma mente e um espírito fortes.

Estas deusas da Lua eram guardiãs de todos os mundos, vigiando deuses, semideuses, mortais e imortais. Embora procedentes da luz, entendiam a guerra e a morte, o sangue e a batalha.

Havia uma outra, da escuridão, cuja enorme sede e insaciável avidez lhe haviam enegrecido o coração. Nerezza, a mãe das mentiras, amaldiçoou as estrelas que cobiçava. Na noite da sua criação, enquanto estas ascendiam ao céu, lançou-lhes o seu poder, enfeitiçando-as. De acordo com a sua maldição, um dia cairiam do seu resplandecente lugar junto à Lua.

E quando Nerezza as possuísse, quando se apoderasse do seu poder, a Lua morreria, a luz extinguir-se-ia e ela reinaria na escuridão.

Por esse motivo, as deusas da Lua — Celene, a vidente, Luna, a bondosa, e Arianrhod, a guerreira — uniram as suas magias para protegerem as estrelas.

Mas essas coisas requerem sacrifício e coragem, e infindável esperança.

As estrelas cairiam — elas não podiam evitar tal destino —, mas cairiam em segredo e permaneceriam escondidas até ao dia em que, num outro reino, os seus descendentes se unissem na demanda para encontrar e proteger essas estrelas.

Seis guardiões que arriscariam tudo para que as estrelas não caíssem nas malvadas mãos de Nerezza.

Para salvar a luz, e todos os mundos, os seis unir-se-iam e dariam tudo o que eram à missão, a essa batalha.

Agora, os seis, oriundos de terras distantes, haviam-se reunido, forjado os seus laços e as suas lealdades, derramado sangue alheio e o próprio para encontrarem a primeira estrela. E as deusas voltaram a encontrar-se.

Na praia branca, onde haviam criado as estrelas com alegria e esperança, reuniram-se sob uma lua cheia e branca como gelo no céu escuro.

— Eles levaram a melhor sobre Nerezza. — Luna deu as mãos às suas duas irmãs. — Encontraram a Estrela de Fogo e colocaram-na fora do alcance dela.

— Esconderam-na — corrigiu Arianrhod. — E de um modo muito inteligente, mas nenhuma das estrelas está fora do alcance dela até regressar ao seu lugar.

— Eles derrotaram-na — insistiu Luna.

— Sim. Por agora, sim. Lutaram com bravura, arriscaram tudo em batalha, deram tudo por esta demanda. Contudo...

Olhou para Celene, que anuiu com a cabeça. — Vejo mais sangue, mais batalha, mais medo. Conflito e escuridão a enfrentar onde terrível sofrimento e morte podem surgir num instante e perdurar uma eternidade.

— Eles não vão ceder — disse Luna. — Não vão.

— Já provaram a sua coragem. A coragem é mais autêntica quando há medo por detrás. Não duvido deles, irmã. — Arianrhod levantou os olhos em direção à Lua e ao lugar onde, durante muito tempo, três cintilantes estrelas se haviam aninhado. — Mas também não duvido da voracidade de Nerezza, nem da sua fúria. Ela vai persegui-los e atacá-los muitas vezes.

— E aliciará outro, um mortal. — Celene fitou a espelhada superfície negra do mar e viu as sombras do que poderia acontecer. — Com uma voracidade semelhante à dela. Ele matou, e matará, por recompensas

menos alardeadas que as Estrelas da Fortuna. Ele é como veneno no vinho, uma lâmina numa mão estendida, presas vorazes por detrás de um sorriso. E, nas mãos de Nerezza, uma arma incisiva e fulminante.

— Temos de os ajudar. Todas concordamos que já deram provas do seu valor — disse Luna. — Devemos poder ajudá-los.

— Sabes que não podemos — recordou-lhe Celene. — Cada escolha terá de ser feita sem a nossa interferência. Fizemos tudo o que podíamos. Por agora.

— Aegle não é sua rainha.

— Sem Aegle, sem este lugar, sem a Lua e sem nós, que a honramos, eles não têm mundo. O seu destino, o nosso destino... o destino de todos está nas suas mãos.

— Eles são nossos. — Para a consolar, Arianrhod apertou com força a mão de Luna. — Não são deuses, mas são mais do que mortais, cada qual com o seu dom. Eles lutarão.

— E, tão importante como a batalha, eles pensarão e sentirão. — Celene soltou um suspiro. — E amarão. A mente, o coração e o espírito são tão importantes como a espada, a presa e, inclusivamente, a magia. Eles estão bem armados.

— Assim confiamos. — Ladeada pelas irmãs, Luna levantou o rosto para a Lua. — Que a nossa confiança lhes sirva de escudo. Tal como nós somos guardiãs dos mundos, eles são guardiões das estrelas. São esperança.

— E bravura — acrescentou Arianrhod.

— E são astutos. Ali. — De sorriso no rosto, Celene levantou uma mão para indicar a espiral de cor que cruzava os céus. — Passam por nós como uma flecha, atravessando o nosso mundo em direção ao seguinte. Para outra terra, em busca da segunda estrela.

— E todos os deuses da luz os acompanham — murmurou Luna, e enviou a sua.

Capítulo Um



Por um breve instante, como um singular agitar de asas, Annika sentiu o cheiro do mar e ouviu as vozes cantantes. Sensações que de imediato se desvaneceram, um borrão dentro do turbilhão de cor e velocidade, mas que lhe preencheram o coração como o amor.

Depois ouviu um suspiro e o eco de mais suspiros... Um outro tipo de canto, agridoce, que a deixou à beira das lágrimas.

E com um misto de alegria e tristeza no coração, Annika caiu num vertiginoso movimento giratório que lhe provocou uma irrefletida sensação de excitação e um pânico súbito.

De repente, milhares de asas se agitavam criando um vento fustigante, um muro de som. E no momento em que ela aterrou com brusquidão suficiente para ficar sem fôlego, a cor desapareceu para dar lugar à escuridão.

Por um momento, ela receou que tivessem aterrado nalguma caverna escura e profunda, repleta de aranhas e pior, muito pior... onde Nerezza esperava para atacar.

Então a sua visão clareou. Annika começou a vislumbrar sombras, o luar, e sentiu o corpo firme sob o seu, os braços que a apertavam com força. Reconheceu aquele corpo, aquele cheiro e desejou aninhar-se e esquecer Nerezza.

Era uma sensação maravilhosa, fascinante, sentir o coração dele bater tão depressa, com tanta força, de encontro ao seu.

Então ele mexeu-se um pouco, deslizando uma mão pelos cabelos dela e roçando maravilhosamente a outra sobre o seu traseiro.

Annika aninhou-se nele.

— Hum. — Ele colocou-lhe as mãos nos ombros, mas falou-lhe tão perto do coração que ela conseguiu sentir a sua respiração. — Estás bem? Estás magoada? Estão todos bem?

Ela lembrou-se então dos amigos; não que os tivesse esquecido, nunca. Mas nunca havia estado tão intimamente encostada a um homem, ou a Sawyer, e estava a gostar muitíssimo da sensação.

Annika ouviu grunhidos, gemidos, alguns impropérios. Perto de si, num tom bastante irritado, ouviu Doyle dizer «foda-se» — um termo que ela sabia ter conotação sexual, mas que não passava de um palavrão.

Não estava preocupada com Doyle. Afinal, ele era imortal.

— Digam alguma coisa! — disse Bran, a poucos metros de distância. — Estão todos bem? Eu estou com a Sasha. Riley?

— Que viagem!

— Que concluíste com o joelho nos meus tomates — acrescentou Doyle.

Annika ouviu um baque, que interpretou como sendo Doyle a empurrar Riley para se livrar do seu joelho — pois havia aprendido que «tomates» não eram apenas uns frutos comestíveis, mas uma zona sensível dos homens.

— Estou aqui! — gritou ela, e resolveu experimentar, contorcendo-se um pouco contra a zona sensível de Sawyer. — Caímos do céu?

— Quase. — Sawyer pigarreou e, para desapontamento de Annika, mexeu-se outra vez e sentou-se. — Não consegui abrandar. Nunca tinha transportado seis pessoas para tão longe. Acho que fiz mal os cálculos.

— Estamos aqui, os seis, que é o mais importante — afirmou Bran. — Agora, estamos onde queríamos?

— Estamos a coberto — comentou Sasha. — Consigo ver janelas e o luar através delas. Onde quer que estejamos, ainda é noite.

— Esperemos que o Sawyer e a sua bússola de viagem espaciotemporal nos tenham trazido para o lugar e o momento que queríamos. Então, vamos ver isso.

Riley levantou-se. A cientista... arqueóloga. A palavra dava voltas na cabeça de Annika, pois as sereias não tinham nenhuma que se lhe equiparasse. Como também não tinham licantropos, pensou ela, por isso no seu mundo não existia ninguém como Riley.

A doutora Riley Gwin — rija e robusta, com um chapéu de aba larga que, de alguma maneira, havia permanecido na sua cabeça — aproximou-se da janela a passos largos.

— Consigo ver água, mas a vista é diferente da que tínhamos na casa em Corfu; estamos num ponto mais elevado. Vejo um caminho estreito e íngreme e uns degraus de acesso ao mesmo. Estou quase segura de que estamos em Capri e que esta é a casa certa. Acertaste em cheio, Sawyer. Tenho de dar os parabéns ao viajante e à sua bússola mágica.

— Aceito-os. — Sawyer levantou-se e hesitou antes de estender uma mão para ajudar Annika a levantar-se também. Embora ela tivesse pernas fortes e ágeis, aceitou a ajuda.

— Vejamos se consigo encontrar as luzes — disse Riley.

— Eu posso ajudar.

De pé e com um braço em volta de Sasha, Bran estendeu a mão. A bola de luz que pairou sobre ela iluminou o espaço.

Ver os amigos animou o coração de Annika, tal como havia feito o canto. Sasha, a vidente, com os seus cabelos dourados como o Sol e os olhos azuis como o céu; Bran, o feiticeiro, tão belo e iluminado pela sua magia; e Riley, com uma mão pronta sobre o punho da arma que trazia presa à anca, os seus olhos dourados-escuros atentos a tudo, enquanto Doyle, um guerreiro de uma ponta à outra, estava a postos de espada em riste.

E Sawyer, sempre Sawyer, com a bússola do viajante na mão.

Podiam estar magoados e ensanguentados da última batalha, mas encontravam-se a salvo e juntos.

— É agora esta a nossa casa? — perguntou ela. — É muito bonita.

— A menos que o Sawyer nos tenha largado no endereço errado, eu diria que este é o novo quartel-general. — Sem tirar a mão da arma, Riley afastou-se da janela.

A sala tinha almofadas coloridas sobre uma longa cama... não, lembrou Annika a si mesma, um sofá. E cadeiras e mesas com bonitos candeeiros. O chão — como todos haviam constatado — era duro, com grandes ladrilhos cor de areia queimada pelo sol.

Riley aproximou-se de um dos candeeiros, premiu o interruptor e, com a magia da eletricidade, este acendeu-se.

— Deixem-me orientar-me para garantir que estamos no lugar certo. Não queremos uma visita da *polizia*.

Riley saiu da sala através de uma ampla passagem abobadada. Poucos

segundos depois, mais luzes se acenderam. Doyle embainhou a espada e saiu atrás dela.

— Estão aqui as nossas coisas todas; pelo menos parece-me que não falta nada. E também me parece que tiveram uma aterrizagem mais suave que a nossa.

Annika espreitou. Ela não sabia que nome dar àquele espaço, com a sua enorme porta de frente para o mar e passagens abobadadas para outros cómodos. Mas os sacos e as caixas do grupo formavam uma pilha no centro.

Praguejando em voz baixa, Doyle levantou a sua mota.

— Tive de largar primeiro as nossas coisas para não aterrarmos em cima delas — disse Sawyer. — Acertei em cheio ou não, Riley?

— O espaço condiz com a descrição que eu recebi — continuou Riley. — E a localização também. Deve haver uma grande sala de estar, com portas de vidro que dão acesso a... E aqui está.

Mais luzes e, como Riley havia dito, uma sala ampla com mais sofás, cadeiras e bonitos objetos. Mas o melhor de tudo... oh, o melhor de tudo era o vidro enorme que deixava ver o céu e o mar.

Quando Annika se precipitou para abrir as portas de vidro, Riley reteve-lhe a mão.

— Não. Ainda não. Há um sistema de alarme. Eu tenho o código. Temos de o desligar antes de abirmos isto, ou qualquer outra coisa.

— O painel está aqui — disse-lhe Sawyer, dando umas pancadinhas com as pontas dos dedos.

— Deem-me um segundo. — Riley tirou um pedaço de papel do bolso. — Não quis fiar-me na memória, na eventualidade de a viagem me deixar baralhada.

— As viagens não deixam ninguém baralhado. — Sawyer sorriu e bateu com os nós dos dedos na cabeça de Riley enquanto esta introduzia o código.

— Já podes abrir, Annika.

Annika abriu a porta e saiu com um rodopio para um amplo terraço, para a noite iluminada pelo luar e perfumada pelo mar, por limões e flores.

— Que beleza! Nunca tinha visto esta paisagem de tão alto!

— Mas já a tinhas visto? — perguntou-lhe Sawyer. — Já conhecias Capri?

— Do mar. E das profundezas, onde existem grutas azuis e restos

de navios que navegaram outrora. Há flores! — Estendeu uma mão para tocar as pétalas de flores que transbordavam de grandes vasos em cores vivas. — Posso regá-las e cuidar delas. Pode ser a minha tarefa.

— Combinado. É esta a casa. — Satisfeita, Riley anuiu com a cabeça e pousou as mãos nas ancas. — Uma vez mais, parabéns, Sawyer.

— De qualquer modo, é melhor darmos uma vista de olhos — disse Bran, que estava à porta do terraço a perscrutar o céu com os seus olhos escuros e penetrantes. Nerezza surgia frequentemente do céu. — Vou acrescentar proteção a este sistema de alarme comum — continuou ele. — Nós ferimo-la, por isso é improvável que ela consiga recompor-se o suficiente para nos atacar esta noite... se conseguir encontrar-nos. Mas dormiremos todos melhor com uma capa de magia a proteger-nos.

— Vamos separar-nos. — Com a espada embainhada e os cabelos escuros desgrenhados em torno do rosto sério e atraente, Doyle anuiu com a cabeça em concordância. — Percorreremos toda a casa para garantir que está tudo em ordem.

— Devem haver dois quartos aqui em baixo, quatro lá em cima e outro espaço comum. Esta casa não é tão grande nem luxuosa como a anterior, e não teremos tanto espaço exterior.

— Nem o *Apolo* — disse Annika.

— Pois. — Riley sorriu. — Vou sentir falta daquele cão. Mas é espaçosa e está bem localizada. Eu vou averiguar lá em cima.

— Tu queres é ser a primeira a escolher o quarto.

Riley sorriu para Sasha e depois franziu o sobrolho. — Sentes-te bem, Sash? Estás pálida.

— É só uma dor de cabeça. Uma dor de cabeça normal — disse ela quando todos os olhares se viraram para si. — Já não tento combater as visões. Foi apenas um dia muito longo.

— É verdade. — Bran puxou-a para si e segredou-lhe algo ao ouvido que a fez sorrir e anuir com a cabeça. — Nós também vamos lá para cima — disse ele, e desapareceu com Sasha.

— Oh, isso é batota! Não é justo usar magia! — Riley correu para a escada e subiu.

— Estão três lá em cima, por isso restam outros três para inspecionar este piso. Eu prefiro dormir aqui, — disse Doyle, olhando em redor, — mais perto do acesso ao exterior.

— Então, ficamos os dois aqui em baixo — decidiu Sawyer, para

desapontamento de Annika. — Mais perto da cozinha e da comida. Vejamos o que há.

Os dois quartos ficavam lado a lado. Não eram tão grandes como os que haviam deixado em Corfu, mas tinham boas camas e vistas bonitas das janelas.

— Serve — afirmou Doyle.

— Serve — concordou Sawyer depois de abrir outra porta que dava acesso a uma casa de banho com duche.

A porta deslizava para fora e para dentro da parede, deixando Annika de tal forma encantada que começou a deslizá-la para dentro e para fora até Sawyer lhe agarrar na mão e a afastar dali.

Encontraram outro quarto com o que Sawyer chamou de bar, uma grande televisão na parede (ela *adorava* televisão) e uma grande mesa de tampo verde com bolas coloridas encaixadas dentro de um triângulo ao centro.

Annika deslizou a mão sobre o tampo. — Não é relva.

— É feltro — disse-lhe Sawyer. — É uma mesa de bilhar... é um jogo. Sabes jogar? — perguntou ele a Doyle.

— Que homem com alguns séculos de existência nunca jogou bilhar?

— Eu só vivi algumas décadas, mas já joguei umas quantas vezes.

Temos de jogar uma partida.

Havia uma pequena casa de banho — embora Annika nunca tivesse visto ninguém tomar banho num sítio onde só havia lavatório e sanita —, depois a cozinha e a sala de jantar. Ela percebeu de imediato a satisfação de Sawyer.

Ele deambulava pelo espaço. Um corpo alto e esguio que se movia como se nunca tivesse pressa, pensou ela. Os seus dedos desejavam embrenhar-se naqueles cabelos desgrenhados pela viagem, cujo tom dourado-escuro o sol havia aclarado. E aqueles olhos, cinzentos como o mar à primeira luz da madrugada, deixavam-na com vontade de suspirar.

— Os italianos sabem cozinhar... e comer. Isto é excelente.

Annika já percebia alguma coisa de cozinha e tinha até aprendido a fazer alguns pratos, por isso reconheceu o grande fogão, com muitos queimadores, e os fornos para fazer bolos e assados. A ilha central tinha uma pia própria, coisa que a encantava, e havia uma outra, de maiores dimensões, debaixo de uma janela.

Sawyer abriu a caixa que mantinha as coisas frescas; o frigorífico,

recordou ela. — Está abastecido. A Riley não deixa escapar nada. Cerveja?

— Ah, sem dúvida — disse Doyle.

— Anni?

— Não gosto muito de cerveja. Há mais alguma coisa?

— Há refrigerantes e sumos de fruta. E, espera... — Sawyer apontou para uma prateleira com garrafas. — Vinho.

— Gosto de vinho.

— Então, vinho para ti. — Escolheu uma garrafa, passou uma cerveja a Doyle, tirou uma para si e deslocou-se a uma porta. — A despensa também está cheia. Estamos na maior.

Sawyer abriu gavetas até encontrar o utensílio para abrir o vinho. Sacarolhas... que palavra tão engraçada.

— Não sei quanto a vocês, mas eu estou a morrer de fome. Transportar tanta gente, para tão longe, esgota uma pessoa.

— Não me importava de comer — constatou Doyle.

— Vou preparar alguma coisa. A Riley tinha razão, a Sasha está pálida. Vamos comer, beber, descomprimir.

— Então, força. Vou dar uma vista de olhos lá fora. — Com a espada ainda embainhada, Doyle atravessou outra ampla porta de vidro.

— Eu posso ajudar-te a fazer a comida.

— Não queres ir lá acima escolher um quarto?

— Gosto de fazer comida. — *Contigo, principalmente*, pensou ela.

— OK, vamos fazer algo simples. Uma massa rápida, com manteiga e ervas. E temos... sim, temos tomates e mozarela. — Sawyer tirou o queijo do frigorífico e entregou-lhe um dos tomates que estava dentro de uma tigela em cima do balcão. — Lembras-te como se corta?

— Sim, sei cortar muito bem.

— Corta-os e depois vai buscar um prato ou uma travessa. — Sawyer abriu as mãos para mostrar o tamanho. Ele tinha mãos fortes, mas era delicado com elas. Annika achava que a delicadeza era o tipo de força que ele tinha. — Dispõe as rodelas de tomate com o queijo por cima — continuou ele, obrigando-a a prestar atenção. — Depois borrifas com este azeite. — Pousou um recipiente no balcão.

— Borrifar é como a chuva, mas pouca.

— Exatamente. Depois pões isto. — Sawyer aproximou-se do para-peito, onde se encontravam alguns vasos, e partiu um raminho com folhas. — É manjerição.

— Eu recordo-me. Dá sabor.

— Sim. Pica umas folhas e espalha-as por cima. Acrescenta também um pouco de pimenta moída e já está.

— Está?

— Está feito — explicou ele.

— Eu faço isto para ti.

Contente, Annika prendeu numa trança os cabelos negros que lhe chegavam à cintura. Deitou mãos à obra enquanto Sawyer punha uma panela com água ao lume, lhe servia um copo de vinho e bebia a sua cerveja.

Annika gostava daqueles momentos de tranquilidade com ele e havia aprendido a saboreá-los. Ela sabia que se seguiriam mais confrontos e aceitava essa realidade. Haveria mais sofrimento. Aceitaria isso também. Mas recebera uma dádiva. As pernas que lhe permitiam deslocar-se em terra, embora por pouco tempo. Os amigos que eram mais valiosos que ouro. O seu propósito, que era seu legado e seu dever.

E, acima de tudo, Sawyer, que ela amava mesmo antes de saber da sua existência.

— Tu sonhas, Sawyer?

— O quê? — Distraído, Sawyer olhou para trás enquanto pegava num passador. — Claro. Claro, quase toda a gente sonha.

— Sonhas com o dia em que concluiremos a nossa missão e teremos as três estrelas? Com o dia em que as Estrelas da Fortuna estiverem a salvo de Nerezza? Quando não houver mais combate?

— É difícil ver isso quando estamos tão envolvidos neste momento. Mas, sim, penso no assunto.

— O que mais desejas, quando isto tudo acabar?

— Não sei. Faz parte de mim há tanto tempo... a missão, não o combate.

Mas Sawyer parou o que estava a fazer para refletir. Annika achava que também isso, o estar atento, era um tipo de força.

— Acho que talvez fosse suficiente, para nós os seis, sentarmo-nos numa praia quente a contemplá-las no céu, sabendo que concluímos a nossa missão. Ver as três estrelas no seu devido lugar. Saber que fomos os responsáveis por isso. É um grande sonho.

— Não sonhas com riqueza, nem com uma vida longa? — perguntou ela, olhando para ele. — Nem com uma mulher?

— Se eu pudesse esfregar uma lâmpada mágica, seria um idiota em não querer tudo isso. — Sawyer parou por instantes e passou os dedos

pelos cabelos louros desgrenhados. — Mas os amigos que lutaram comigo e a praia quente bastariam. E se acrescentássemos uma cerveja fria, ficaria perfeito.

Annika ia falar novamente no momento em que Doyle reapareceu.

Embora fosse um homem alto, e bem musculado, deslocava-se silenciosamente.

— Não temos o espaço de treino que tínhamos na Grécia, mas temos um limoal que podemos usar e mais privacidade do que eu pensava. Embora o Bran possa aumentá-la ainda mais. Há um jardim, mais pequeno do que o da outra casa. E vasos com ervas e tomates no terraço. Lá fora existe também uma mesa grande debaixo de um caramanchão, onde podemos fazer as refeições. A sombra é boa, mas as abelhas podem ser um problema. Também temos uma piscina.

— Sim?

— Uma vez mais, menor do que a de Corfu. Fica mesmo à beira do pátio, e talvez tenha sido por isso que plantaram árvores na orla do terreno. Deviam querer alguma privacidade. Queres escolher o teu quarto?

— Não. Podes escolher tu.

— Farei isso. Vou arrumar as minhas coisas.

No momento em que Doyle estava a sair, Riley entrou.

— Vocês leram-me o pensamento. — Avançou e colocou um braço em torno da cintura de Annika. — Estou faminta. O que vamos comer?

— O Sawyer está a fazer massa, e eu estou a fazer tomates com queijo, azeite e ervas. Vamos comer, beber e descomprimir.

— Sou toda a favor.

— O amigo do teu amigo abasteceu a cozinha — disse Sawyer a Riley.

— Pois, devemos-lhe por isso. Cerveja ou vinho? — Para a ajudar a decidir, bebeu um gole da garrafa de Sawyer e outro do copo de Annika. — Escolha difícil. É massa, por isso acho que vou para o vinho. O Bran e a Sasha conseguiram ficar com o quarto principal, mas como são dois, parece-me justo.

— O Doyle e eu vamos dormir aqui em baixo. Dois quartos e uma casa de banho com banheira. É mais que suficiente.

— Muito bem. Annika, tu podes escolher entre os que restaram lá em cima. A Sasha e o Bran ficam com o que sobrar para montarem o estúdio dela e a oficina de magia. Lá em cima também há terraços. Não poderemos ir daqui até à praia a pé, mas podemos apanhar o funicular.

— O que é o funicular? — perguntou Annika.

— É como um comboio, mas no ar. Pagamos e podemos descer nele até à povoação, ou até à praia, ou...

— Quero experimentar! Podemos ir amanhã?

— Talvez. É uma longa descida até às lojas de Anacapri e um íngreme caminho de regresso. E para irmos até à cidade de Capri, temos de apanhar um autocarro, ou um táxi, ou caminhar bastante. Não são permitidos carros em Anacapri. Se precisarmos de um, eu arranjo-o e estacionamos em Capri. Mas iremos deslocar-nos essencialmente a pé ou de transportes públicos. Vou rapidamente lá fora ver se está tudo em ordem.

— O Doyle acabou de fazer isso. — Sawyer inseriu o esparguete dentro da panela de água a ferver.

Riley hesitou e olhou para a porta. Depois encolheu os ombros. — Não faz sentido fazer o que ele já fez.

— Temos uma piscina — disse-lhe Annika.

— Pois, já sabia. E sou capaz de ir dar um mergulho antes de me deitar. Há uma mesa no exterior, certo? E se comêssemos lá fora?

— Sou a favor. Podias tratar disso.

Riley serviu-se de um pouco de vinho e ergueu o copo em direção a Sawyer. — É para já. — Foi buscar outro copo quando viu Sasha entrar com Bran. — O vinho vai pôr alguma cor nessas tuas faces.

— Apetece-me um copo de vinho. E comer. Sawyer, Annika... vocês são os maiores.

— Cerveja italiana? Espetáculo. — Bran abriu o frigorífico e tirou uma para si. — O Doyle?

— O nosso imortal está a arrumar as suas coisas. — Sawyer mexeu a massa fumegante. — Nós vamos ficar com os dois quartos aqui em baixo.

— Então terás de escolher um lá de cima, Annika.

— A Riley disse que precisam de um quarto para tu pintares e para o Bran preparar as suas poções mágicas. Deviam ser vocês a escolher. Eu fico contente com o que sobrar.

— Se realmente não te importas, podíamos ficar com o quarto em frente do nosso. É o menor dos dois que restam, mas é suficientemente grande para as nossas necessidades. E assim ficavas com o que tem vista para o mar. Decerto preferes acordar e adormecer com o mar.

Comovida, Annika avançou para abraçar Sasha. — Obrigada.

— Eu fico no quarto em frente do teu — disse-lhe Riley. — Gosto tanto da vista para o mar como qualquer outra pessoa, ou sereia, mas também me agrada bastante a vista para o limoal.

— E vigiar as traseiras — acrescentou Bran.

— E isso. Vamos comer lá fora. Assim que eu descobrir os pratos.

Riley encontrou uns pratos tão coloridos como as almofadas e saiu com Sasha, que estava a ajudá-la a pôr a mesa, enquanto Annika acrescentava meticulosamente as ervas ao seu prato.

— Está bem assim? Fiz como devia ser?

Sawyer olhou de relance para a travessa. — Está perfeito. Só preciso de uns minutinhos para acabar de preparar o resto.

— Mas precisamos de velas! E de flores. — Annika saiu disparada para procurar o que considerava essencial para pôr devidamente uma mesa.

Sawyer provou a massa e desligou o lume. — A Sasha está bem?

— Aparentemente, está um bocadinho mais abalada do que os restantes de nós. A comida e o descanso deverão resolver isso. — Desviou o olhar quando Doyle reapareceu. — Eu lancei um feitiço de proteção básico sobre a casa e o terreno, mas vou reforçá-lo antes de nos deitarmos. Ela vai encontrar-nos, mais cedo ou mais tarde, e estará furibunda.

— Ela vai encontrar-nos — concordou Sawyer enquanto escorria a massa. — Mas ser-lhe-á muito mais difícil encontrar a Estrela de Fogo no sítio em que a escondeste.

— O que me leva a crer que ela será ainda mais implacável quando vier em busca da próxima. — Doyle levantou a sua cerveja e bebeu-a. — Se eu estivesse no lugar dela, concluiria que tinha subestimado o meu inimigo da primeira vez. O seu orgulho levá-la-ia a essa conclusão. Da próxima vez será mais implacável, mais sanguinária.

— E, quem sabe, mais astuta — acrescentou Bran. — Muitas das suas ações tiveram por base a raiva e a violência. Pode ter sido mau para nós, mas foi pior para ela. Se for inteligente, poderá dar mais importância à estratégia do que à força. Precisamos de nos preparar para isso.

— Precisamos de comer. — Sawyer despejou a massa numa tigela e misturou-a com a mistura de manteiga e ervas que havia preparado. — E precisamos de dormir.

— Tens razão. E precisamos de comemorar, por pouco que seja, o facto de estarmos sãos e salvos, e juntos.

— E prontos para procurar a próxima estrela.

Bran anuiu com a cabeça em direção a Doyle. — A próxima estrela. De água ou de gelo, não sabemos. Ainda não. Mas o destino enviou-nos para aqui, onde, uma vez mais, a inestimável Riley nos assegurou um

teto, camas e comida. Podemos esperar por amanhã para começarmos a delinear as nossas estratégias, não acham?

— Terá de ser, porque isto está pronto. Podes trazer aquela travessa? E o vinho. E não me importava de beber mais uma cerveja.

Sawyer saiu ao encontro da noite perfumada a limão, onde uma fatia de Lua emitia uma suave luz azul sobre terra e mar.

Como já seria de esperar, Annika havia moldado um ramo de flores com guardanapos e recolhido as velas espalhadas pela casa.

— Não consegui encontrar os... — Como lhe escapava a palavra, fez o gesto de quem acende um fósforo.

— Fósforos — concluiu Sawyer.

— Eu trato disso. — Bran estalou simplesmente os dedos e as velas acenderam-se.

Annika soltou uma gargalhada e bateu palmas antes de correr a abraçar Bran.

— Já abracei a Sasha e a Riley. Estamos todos juntos, neste lugar novo. — Virou-se para envolver Doyle nos braços e conseguiu arrançar-lhe um sorriso. — Temos boa comida e bons amigos.

Por último, virou-se para Sawyer, abraçou-o e regozijou-se inspirando o cheiro que lhe era característico. — Nerezza não tem amigos e nunca poderá ter o que nós temos.

— Ela não quer o que nós temos. — Sasha oscilou ligeiramente e depois endireitou-se. Os seus olhos, escuros e penetrantes, viam mais do que o mar e a fatia de Lua. — Ela não deseja amigos, nem amor, nem afeto. Ela é mentira, cobiça e ambição; toda ela é escuridão. Ela é a própria escuridão. Agora está furiosa e sofre. Mas em breve procurará, urdirá e virá. Está sedenta de sangue, do nosso sangue, pois mais nada conseguirá matar essa sede. Ela virá, por mais que encubramos o nosso mundo. O Globo de Todos encontrar-nos-á. E ela encontrará outro, alguém que a ajudará na sua caça. A cobiça cega, a cobiça une. O deus amarra o homem; o homem amarra o deus num pacto selado com sangue. Nesta ilha e nestas águas, nos cantos e nos suspiros, novas batalhas se travarão. Sangue derramado, dor infligida. E a traição chegará envolta em sorrisos.

»Nesta ilha e nestas águas, nos cantos e nos suspiros, a estrela aguarda, azul e pura, pelo inocente e pelo corajoso. A Estrela de Água não é feita de lágrimas, mas lágrimas derramar-se-ão antes que seja encontrada.

Sasha oscilou uma vez mais, branca como um fantasma. Bran segurou-a de encontro a si. — Respira, *fáidh*.

— Eu não lutei contra isto. Juro que não tentei bloquear a visão. Mas... pareceu-me tudo um bocadinho estranho...

— Foi a viagem. Eu nunca tinha viajado com uma vidente, nunca tinha feito nada assim — acrescentou Sawyer.

— Ela está baralhada?

Sawyer olhou de soslaio para Riley. — Não propriamente, mas talvez a visão precisasse de um pouco mais de tempo para... se ajustar. Queres água? Vou buscar-te água.

— Não, não, estou bem. Melhor. — Sasha expirou. — Bastante melhor. Parecia que não conseguia manter o equilíbrio. Agora já consigo. Por isso, sim, talvez tenha sido da viagem. E, meu Deus, tem sido um dia e tanto, não? Vou só sentar-me.

— E comer. — Annika encheu rapidamente um prato com massa, tomate e mozarela. — Precisas de comer a comida.

— E vou comer. Vamos todos comer. A visão surgiu tão subitamente. Foi como... sim, apanhou-me e entrou de supetão. E foi bastante violenta, a sensação que me transmitiu. A fúria e a necessidade que ela tem de nos destruir. Agora já não se contenta em magoar-nos, ou em matar-nos. Ela quer destruir.

— Tu disseste que ela ia encontrar alguém — recordou-lhe Riley. — Um homem.

— Sim, mas não sei se será especificamente um homem, ou se será simplesmente um ser humano. Mas ela encontrará alguém e essa pessoa unirá forças com ela.

— Depois de ter enfrentado uma deusa, não me preocupa nem um bocado ter de enfrentar um mortal — disse Doyle, enquanto amontoava comida no seu prato.

— Diz o homem que não pode morrer — replicou Riley. — Os humanos são astutos, manhosos e perigosos. Se Nerezza fizer um pacto com um, é porque ele, ou ela, lhe será útil. Não te armes em gabarola.

Sawyer passou a tigela a Annika. — Bem, agora sabemos que estrela procuramos em Capri e seus arredores. A Estrela de Água. Podemos riscar isso da lista de coisas para deslindar.

— É azul e linda. De um azul extraordinário. Não sei se conseguirei captar o seu tom com tinta. A Estrela de Fogo cintilava, ardia. Esta... — Sasha fechou os olhos por instantes. — Reluzia e parecia... ondular.

Água? Talvez seja por isso. — Enrolou massa em torno do garfo, provou-a e tornou a fechar os olhos. — Oh, que maravilha, Sawyer! Está perfeita. Eu encarrego-me do pequeno-almoço.

— Não, eu trato disso. Ficas com a manhã livre.

— Eu posso ajudar outra vez.

— Estás a ver? — Apontou para Annika. — Tenho a minha eficiente subchefe disposta a ajudar-me.

— Fui eu que fiz isto. — Annika cortou cuidadosamente um pouco de salada. — E está boa.

— Muito boa — concordou Riley, e serviu-se uma segunda vez. — Amanhã começo a pesquisar. Pode ser precipitado deduzir que a Estrela de Água esteja submersa, mas a primeira estava... debaixo de água. Conheço algumas das grutas das redondezas, tanto subaquáticas como terrestres. Descobrirei mais.

— Falaste em terra e mar — salientou Bran. — Em cantos e suspiros.

— Como quando estávamos a voar.

— O quê?

— Não estávamos a voar... — disse Annika a Sawyer. — Parecia que estávamos a voar, ou eu imagino que seja aquela a sensação de voar. Durante a viagem. Os cantos e os suspiros que eu ouvi quando nos trouxeste para cá.

— Que cantos e suspiros, Annika? — perguntou Bran, fitando-a intensamente.

— Não ouviram?

— Não. — Bran olhou para os restantes em torno da mesa. — Não me parece que mais alguém tenha ouvido alguma coisa.

— Eu só ouvi o tornado. — Embora de olhos postos em Annika, Riley continuava a comer. — Já presenciei uns quantos e é a isso que me soa viajar pelo método do Sawyer. Mas tu ouviste cantar e suspirar.

— Só por um momento. Foi tão lindo... — Annika levou uma mão ao coração. — Encheu-me o coração. Havia vento, cores e luzes. Foi muito emocionante. Depois os cantos; só música com palavras que não consegui perceber bem. E suspiros... mas não eram tristes, pelo menos não completamente. Eram doces, mas um pouco tristes. Satisfação com alguma melancolia. Será isso?

— Serão os teus ouvidos de sereia? — especulou Riley. — Estrela de Água, sereia. Interessante. — Comeu mais uma garfada de massa e sorriu. — Vamos precisar de outro barco. Vou tratar do assunto.

* * *

Mais tarde, quando a casa já estava envolta em silêncio e todos os seus amigos dormiam, Annika saiu para o terraço do seu novo quarto. O mar atraía-a... era a sua casa, o seu berço. Ansiava poder voar até ele, nadar no seu âmago por momentos.

Mas o mar teria de esperar.

Ela tinha pernas e estimava-as. Contudo, agora que dissera a todos o que era, pois não tivera outra escolha, o seu tempo com elas estava contado.

Então, contemplando a fatia de Lua sobre o mar, desejou poder cantar e suspirar dentro do coração de Sawyer, no tempo que ainda lhe restava. Desejou que ele pudesse sentir o que ela sentia, nem que fosse apenas por um dia.

Em primeiro lugar estava o dever, ao qual nunca se esquivaria. Mas tinha esperança de conseguir cumprir o seu dever, de honrar o seu legado...

E de conhecer o amor antes de regressar ao mar para sempre.